

# FUNDAMENTOS DA RESISTÊNCIA EM LITERATURA, TEORIA E CRÍTICA

## APRESENTAÇÃO

Estamos publicando neste número as conferências que foram proferidas no Encontro Interdisciplinar intitulado **Fundamentos da Resistência em Literatura, Teoria e Crítica**, que se realizou na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara, nos dias 07 e 08 de fevereiro de 1995, com a coordenação da Profa. Dra. Maria Clara Bonetti Paro e com o apoio do curso de Pós-graduação em Estudos Literários, coordenado pela Profa. Dra. Lídia Fachin e do Curso de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, coordenado pelo Prof. Dr. Devino João Zambonin.

Foi importante o fato de o Encontro ter se revestido de um caráter transdisciplinar, o que atraiu alunos, docentes e pesquisadores de diversas áreas, notadamente de Letras e Ciências Sociais. Nas diversas mesas redondas sentaram-se lado a lado docentes-pesquisadores de Inglês (Língua e Literaturas), de Francês (Língua e Literatura), Literatura Brasileira, Teoria e Crítica Literária, Literatura Comparada, Filosofia, Estética, Sociologia e Ciências Políticas, todos buscando pontos de contato capazes de refazer a unicidade das ciências humanas, não agregadas em um pretenso discurso único, mas em uma unicidade que faça frente à fragmentação imposta pela racionalidade técnico-científica.

Nesse sentido o evento veio recuperar o que é transdisciplinaridade, que quer dizer transversalidade (Deleuze e Guattari) das ciências exatas e não-exatas, humanas e não-humanas - transdisciplinaridade dos problemas. Em suma, transformação numa prática cujo primeiro conteúdo é que há linguagem e que a linguagem nos conduz a dimensões heterogêneas, que nem sempre se limitam ao processo de metáfora. Prática a um só tempo arqueogenológica (Foucault) e construtivista (Piaget, Bordieu et alii), em todo o caso experimental. Essa afirmação das indagações voltadas para uma

exploração polifônica do real, da praxis vital, leva a liberar a exigência do conceito da hierarquia das questões admitidas, aguçando o trabalho do pensamento sobre as práticas que articulam os campos do saber e do poder.

O que nos levou a intitular o Encontro **Fundamentos da Resistência** não foi um mero fascínio pelo Outro, mas por uma preocupação que não hesitaríamos em qualificar de política, se fosse possível verificar que só se forjam instrumentos para uma nova experiência da história e do tempo, ao arriscar-se no horizonte múltiplo das novas formas - formas alternas de racionalidade. O fato de o Encontro ter sido expresso de modo a compatibilizar o Oral e o Escrito (Derrida), de ter sido primeiramente ouvido e agora lido, não deve empanar o valor da escrita, enquanto exercício de um estilo e também de uma assinatura, pois o ato de escrever é uma maneira de ocupar o sensível (fazer literatura) e dar sentido a essa preocupação (pensar a literatura)(Rancière). Não é porque a escrita é o instrumento do poder ou a via real do saber, em primeiro lugar, que ela é coisa política. A escrita é coisa política porque seu gosto pertence à constituição estética da comunidade e se presta acima de tudo, a alegorizar essa constituição (Benjamin). Pela expressão “constituição estética” deve-se entender aqui a partilha do sensível que dá forma à comunidade. Portanto, **Fundamentos da Resistência**, não quer dizer mero registro das experiências discursivas face ao cânone vigente em literatura e à hierarquia dos conceitos em teoria e crítica. Tal registro seria mera inclusão da diversidade na liberalidade dos relativismos, ou o que é pior, na justificação culposa dos escritores e acadêmicos face à diferença, à estranheza do Outro. É antes assumir uma perspectiva plural, que realce a indissociabilidade do eu e do outro, do um e do múltiplo, do igual e do diverso, que não negue as divergências, a alteridade, mas que afirme a identidade do homem enquanto ser da cultura e da natureza.

Nos diferentes ensaios, aqui apresentados, o leitor poderá acompanhar o diálogo dos conferencistas com o pensamento dos mais importantes intelectuais de nossa época e, por sua vez, concordar ou resistir aos posicionamentos que assumem, como o fizeram os participantes do Encontro.

Betsy Erkkila, na palestra/ensaio *A política da Teoria Literária*, examina o projeto político e as conseqüências práticas da maneira como a teoria pós-estruturalista está sendo aplicada nos estudos literários e culturais nos Estados Unidos. Analisa o enfoque pós-estruturalista sobre sujeito, autoria, experiência e representação e como essas questões vêm sendo relacionadas com os estudos étnicos e de gênero na literatura dos Estados Unidos. Situando os trabalhos de Roland Barthes e Michel Foucault dentro do

seu contexto de luta cultural e social na França, Erkkila pondera as razões da força e da sedução que essa teoria - associada inicialmente aos trabalhos de Derrida e Foucault na França - exerce na academia e na crítica de seu país em um momento específico de sua história social e cultural. Termina discutindo, dentro do contexto americano, o crescente distanciamento entre uma teoria radical e uma prática política radical, o isolamento da academia - radical ou não - das esferas públicas e as condições materiais das lutas motivadas por razões raciais, de classe e de gênero.

Em *A Teoria na Carne: Questões de Raça, Questões de Resistência*, Erkkila focaliza as interrelações entre a teoria pós-estruturalista européia e os debates recentes sobre estudos étnicos na cultura americana. Considera o questionamento pós-estruturalista sobre atuação, subjetividade e resistência e, particularmente, sua utilização por parte dos estudiosos americanos das minorias. Focalizando, particularmente, os debates recentes sobre teoria, fronteiras disciplinares, gênero e pós-colonialismo no campo dos estudos afro-americanos, Erkkila procura formular uma noção historicamente mais sedimentada e híbrida sobre sujeito, autor, texto e contexto e uma noção mais dialética da relação entre teoria e prática, de forma a tornarem-se os fundamentos de uma nova prática de estudos culturais e literários e uma resistência política e cultural estrategicamente mais definida.

Preocupada com os rumos que têm tomado os *Cultural Studies*, em uma época de Nova Direita, nos quais a cultura hegemônica são sobreposta as marginalizadas, numa celebração da diferença pela diferença, evitando-se qualquer explicação totalizante ou sócio-histórica, Maria Elisa Cevalco, em *Situando os Cultural Studies*, aponta a importância da construção cultural de uma identidade para as minorias, mas demonstra preocupação quando a própria análise da realidade socio-histórica também sofre um processo de reificação e fragmentação. Criticando narcisismos de qualquer espécie e um "europismo às avessas", estabelece princípios para um projeto de estudos de cultura no Brasil, que não se limite a redesenhar fronteiras e a defender a homogeneização, mas que busque a igualdade de oportunidade e de expressão.

Depois de apontar a origem engajada da teoria literária nos escritos de Platão, Raul Fiker passa a responder à pergunta que é título do seu ensaio *O que é a Teoria Literária Agora?*. Não sem ironia, o texto critica a aplicação mecânica de modelos científicos a textos literários, como a interpretação marxista e psicanalítica, "rejuvenecidas" pelo novo historicismo e Lacan, respectivamente, e aponta o paradoxo de ser a linguística estrutural, via Lévi-Strauss, a base das estratégias pós-modernas que usam dos conceitos

de fragmentação, descentralização e desconstrução para suas lutas políticas pelas minorias. Depois de analisar as posições mais contestadoras de autores como Derrida, Barthes e Foucault, conclui com considerações sobre a questão do cânone, principalmente, da perspectiva de Frank Kermode.

Em *Re-membrando o corpo desmembrado: a representação do sujeito pós colonial na teoria*, Lynn Mário T. Menezes de Souza analisa algumas tentativas pós-coloniais de promover a identidade desse sujeito ou seja, o seu remembramento, em contraposição à reificação ou desmembramento do sujeito colonizado pelo discurso colonial. Nesse sentido, são apresentadas e problematizadas a chamada “dialética da influência negativa” proposta por Abdul Jan Mohamed, como forma de combater a alegoria maniqueísta do colonizador, e o pensamento desconstrutivista de Homi Bhabha, que critica as incongruências da “análise das imagens” e da “análise ideológica” e propõe que se aponte também as marcas da construção do corpo do sujeito colonizador.

O artigo de Gentil Luiz de Faria, intitulado *O Papel do Intelectual no Terceiro Mundo Pós-moderno*, trata, como sugere o título, das profundas e duradouras transformações da intelligentsia no mundo contemporâneo, “soi disant” pós-moderno. Após severa crítica ao papel do intelectual na atualidade, restringido à vida acadêmica ou a serviço do poder, o autor, de certo modo expressando uma esperança, descortina um papel transformador que cabe ainda ao intelectual terceiro mundista, no sentido de mudanças na estrutura sócio-política dos países ditos periféricos.

Ney Vieira, no artigo *A Dupla Vinda de Foucault ao Brasil*, procura explorar os modos de recepção crítica da obra foucaudiana no Brasil, bem como, descortina dois horizontes de expectativas geradas pelo aporte da obra do pensador francês em nosso país, uma leitura “gauchiste” e “enragée” própria dos anos sessenta e setenta e, uma leitura de extração acadêmica, desconstrucionista ou pós-estruturalista, feita em anos mais recentes. O articulista mostra algumas das limitações dessas interpretações que, juntas com o esforço de se “esquecer” Foucault, empana o real papel do Foucault-filósofo, pensador profundamente vinculado ao imanente e ao contingente, mas também um pensador universalista e profundamente ético, como demonstra toda a sua obra, cujo “trabalho” interpretativo ainda não se esgotou, “escritura” que vai se disseminando em citações, encaixes e jogos especulares, que compõem o labirinto de discursos no momento atual.

Finalizado a série de artigos, o texto de Maria Aparecida de Moraes Silva, *A Voz do Passado: tecendo possíveis*, é bastante esclarecedor das

procuras intelectuais por uma relação vis-à-vis entre a literatura e as ciências sociais intentada por todos aqueles desencantados com os paradigmas científicistas que vêm regendo a pesquisa e o discurso das ciências humanas há mais de um século. O título do artigo aponta para duas das principais preocupações da autora: a memória, estoque das esperanças não alcançadas no passado, recalçadas e silenciadas, mas que transformadas pela experiência, re-membradas de modo a revelar a humanidade do homem, pode vir a tecer possíveis, recompondo os fios da(s) história(s) individuais e coletivas, numa palavra, tornar presente as vozes da utopia.

Embora conste das normas da Revista que os textos não devem ter notas, a Comissão de Publicação desconsiderou essa observação nos dois textos de Betsy Erkkila, que obedeceu às normas da MLA (Modern Language Association); adequar os textos às normas de ITINERÁRIOS, além de mutilá-los seria privá-los de preciosas informações contidas nas notas.

Maria Clara Bonetti Paro

Ney Vieira